

# Eleições de 2024: regular a IA é imprescindível

» YASMIN CURZI

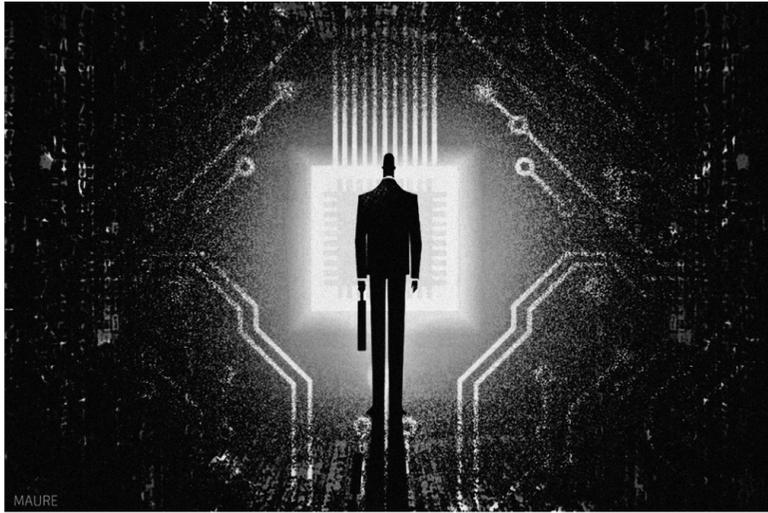
Professora, coordenadora do Programa Diversidade e Inclusão e pesquisadora do Centro de Tecnologia e Sociedade da FGV Direito Rio. Coordenadora da UN IGF Dynamic Coalition of Platform Responsibility (DCPR)

As eleições de 2024 no Brasil se aproximam em um cenário preocupante: o uso cada vez mais ubíquo de tecnologias de inteligência artificial (IA) — termo geral para falar de tecnologias de aprendizado de máquina e tomada automatizada de decisão — sem as devidas barreiras e proteções aos usuários. As redes sociais têm sido tomadas por conteúdos sinteticamente produzidos para simular atores reais, acirrando crises de confiança, com capacidade de produzir desastres reputacionais e afetar significativamente as eleições.

Montagens baratas (as chamadas cheap fakes) já produzem, há alguns anos, estragos bastante significativos — a título de exemplo, o kit gay nas eleições de 2018 e os duplês de voz de personalidades políticas relevantes, em áudios no WhatsApp, pedindo votos para candidatos em eleições regionais. Com o avanço de tecnologias de deep fakes e IA generativa e, principalmente, sua maior acessibilidade, via integração em serviços de plataformas, a capacidade de manipulação aumenta, e não há regulação que possa acompanhar. Ainda que posteriormente sejam verificados, os impactos produzidos são imediatos e podem subverter significativamente o resultado das eleições.

Os riscos significativos para a integridade das campanhas políticas on-line são evidentes. O aumento da violência on-line, especialmente direcionada a grupos minorizados, como mulheres, pessoas LGBTQIA+, negras e indígenas, tem afetado significativamente a produção de suas campanhas e suas participações no debate político. Campanhas de desinformação têm minado a confiança no processo eleitoral e manipulado a opinião pública sobre temas críticos, como saúde, segurança, emergência climática e questões de gênero. Todos os desafios aqui elencados têm um elemento em comum: o fomento de conteúdos mais divisivos pelas plataformas digitais a partir dos seus sistemas de recomendação de conteúdo — também via uso de IA.

Como destacado por Max Fischer, autor de *A máquina do caos*, as plataformas têm implementado mecanismos diversos para maximizar o engajamento dos usuários — entre eles, os sistemas de recomendação. Tais sistemas servem principalmente para promover conteúdos



MAURE

que capturem a atenção dos usuários, principalmente fazendo com que se sintam parte de um grupo, fomentando o posicionamento contra outro grupo. Em resumo, os conteúdos mais priorizados são, em geral, sensacionalistas e polarizadores em essência, que, em última instância, exacerbam a radicalização dos usuários e aprofundam as divisões sociais.

A Organização das Nações Unidas (ONU) lançou recentemente cinco princípios globais para a integridade da informação. São eles: confiança e resiliência social, incentivos saudáveis para a comunicação, empoderamento público, meios de comunicação independentes e pluralistas, e transparência e pesquisa. O objetivo é possibilitar a reforma do ecossistema digital, viabilizando o combate à desinformação e ao discurso de ódio de forma global, também perpassando as práticas das próprias plataformas que produzem a amplificação de conteúdos que engendram a radicalização dos usuários.

Com o arrefecimento do PL nº 2.630/2020, o PL nº 2.338/2023 poderia ser um grande auxílio na luta contra a amplificação de práticas nocivas envolvendo tecnologias de IA,

inclusive no âmbito eleitoral. O novo texto do PL nº 2.338 avança em alguns pontos, como a nomeação da Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD) como órgão de coordenação do Sistema Nacional de Regulação e Governança de Inteligência Artificial — o qual poderia ser de grande auxílio para evitar que dados pessoais dos usuários sejam utilizados para direcionamento de conteúdos nocivos para a captura de sua atenção. No entanto, é essencial que sejam aumentadas as capacidades técnicas da ANPD para que ela possa desempenhar esse papel de forma eficaz e, de fato, dar conta de tantas demandas.

O Brasil tem uma oportunidade única de liderar na proteção dos direitos digitais e na promoção de um ecossistema informacional saudável, principalmente por estar na presidência do G20. O PL nº 2.338, com as devidas melhorias, pode ser um marco na regulação da IA na América Latina, protegendo a democracia e garantindo que a tecnologia sirva ao bem comum. Devemos escolher o caminho da proteção dos direitos e da inovação responsável, alinhando-se aos princípios globais estabelecidos pela ONU e protegendo a nossa democracia.

## ELEIÇÃO NA UnB

# Por uma UnB ainda mais excelente e acolhedora

» OLGAMIR AMANCIA

Doutora em educação, pesquisadora, professora da Faculdade UnB Planaltina e decana de Extensão da Universidade de Brasília (UnB)

O processo de construção da “universidade necessária” de Darcy Ribeiro é permanente e firma suas bases no Projeto Político Pedagógico Institucional da Universidade de Brasília (UnB). Elaborado entre 2009 e 2011, a partir de seminários e fóruns envolvendo docentes, técnicas, técnicos e estudantes, esse projeto enfrentou com maestria os desafios que nos projetam para o futuro.

O que nos instiga é responder aos desafios cotidianos, sobretudo frente à redução dos investimentos em educação, ciência e tecnologia; é ousar para a inovação sem abandonar os valores que nos são caros; é construir a coletividade a partir da diversidade das singularidades que nos compõem.

Com esse olhar que aponta para a utopia original da UnB e com o objetivo de darmos continuidade ao processo permanente de construção de nossa universidade, sou candidata, ao lado do professor Gustavo Romero, da Faculdade de Medicina, na próxima consulta para a escolha de reitora e vice-reitor da UnB. Nossa chapa foi batizada com dois verbos caros ao nosso fundador: pensar e fazer, sempre de maneira verdadeiramente dialógica e participativa.

Nos dias 20 e 21 de agosto, a comunidade acadêmica começará a definir o caminho a ser trilhado pela instituição no período de 2024-2028. Os próximos titulares da reitoria terão a oportunidade de dar sequência a uma bem-sucedida gestão dos professores Márcia Abrahão e Enrique Huelva. Os últimos oito anos foram marcados por êxitos e avanços significativos para a nossa universidade, mesmo tendo enfrentado discursos adversos, pandemia e cortes orçamentários expressivos. A UnB ocupa lugares cada vez mais altos nos rankings de melhores universidades do país e do mundo.

Sinto orgulho de ter contribuído com a gestão superior ao longo desse período estando à frente do Decanato de Extensão. Entre outras

realizações, criamos a Rede de Polos de Extensão — Recanto das Emas, Paranoá, Ceilândia, território Kalunga e Chapada dos Veadeiros —, abrimos a possibilidade para mais de 600 técnicos e técnicas atuarem em equipes executoras de projetos e levamos as atividades de extensão para dentro dos currículos de diversos cursos de graduação. Em 2023, chegamos a números excepcionais: 3,6 mil ações de extensão, seis editais amplos e 1.446 bolsistas.

Acredito firmemente que podemos avançar para termos uma UnB ainda mais próxima de sua missão institucional: “ser uma universidade inovadora e inclusiva, comprometida com as finalidades essenciais de ensino, pesquisa e extensão, integradas para a formação de cidadãs e cidadãos éticos e qualificados para o exercício profissional e empenhados na busca de soluções democráticas para questões nacionais e internacionais, por meio de atuação de excelência”.

Assim, a partir do diálogo e da escuta qualificada de todos os segmentos da comunidade universitária, construímos um programa de trabalho e gestão sem perder de vista o foco nessa missão e na crença de que o fazer universitário consistente e compromissado somente é possível quando fundamentado em nossos valores. No caso da UnB, valores legitimados por processos históricos que começam em 21 de abril de 1962, passam por tempos inquietantes e chegam ao momento atual, em renovada harmonia.

Esses valores reafirmam a dignidade, a igualdade e a liberdade de todas as pessoas; a ciência como forma de conhecimento confiável ao lado de outras formas de saberes; o diálogo em termos de igualdade com essas outras formas de saberes; a tolerância e a compreensão para com as mais diversas formas de manifestação de pensamento e de crença; e a democracia como forma de organização política da sociedade em geral e da universidade, em particular.

É assim que compreendemos e estamos atentos a eixos que cruzam o pensar e o fazer da Universidade de Brasília, em sua indissociável relação entre o ensino, a pesquisa e a extensão: excelência acadêmica com inclusão social; pessoas que estão na UnB e fazem dela seu lugar de vida e transformação; e uma incontestável mirada para os direitos humanos e a sustentabilidade.

A nossa pauta vislumbra uma universidade sempre respeitada, vibrante, empolgada, capaz de formar cidadãs e cidadãos comprometidos com o país, empenhada na promoção do desenvolvimento científico e da inovação necessários para a efetiva (e afetiva) resolução dos pequenos e grandes problemas regionais, nacionais e globais.

O projeto que defendemos aponta para o cotidiano de uma instituição de ensino superior acolhedora e inclusiva, com um sistema de governança humanizado e atento ao cuidado com estudantes, técnicos, técnicas, docentes e nossos colaboradores, de trabalhadores terceirizados a estagiários. Queremos uma universidade aberta ao diálogo e à integração com a sociedade, pautada pela transparência institucional e, sobretudo, autônoma e democrática.

Sabemos que, mais do que um centro produtor de conhecimento, a universidade é um ponto de convivência de pessoas, seja em seus quatro campi espalhados pelo Distrito Federal (Asa Norte, Planaltina, Gama e Ceilândia), no Hospital Universitário (HUB), em seus hospitais veterinários ou na Fazenda Água Limpa, seja na modalidade de educação a distância que atinge todo o país.

Nos próximos quatro anos, o diálogo e a escuta vão continuar a pautar as ações e as políticas que farão com que a UnB permaneça sendo instituição de referência entre as universidades públicas brasileiras e latino-americanas, lugar de desejo e esperança, espaço do bem-viver e da transformação social.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

# Viver nas nuvens

Com a modernidade, vieram novas terminologias da língua a indicar que estamos cada vez mais enredados nos labirintos virtuais da tecnologia. Ao que parece, dado o recente apagão global cibernético, não há vida possível ou concreta fora do mundo dos logaritmos. Prova disso é que boa parte do Ocidente se viu paralisado devido a falhas ocorridas nos serviços de nuvens, atingindo, mais precisamente, o sensor de segurança CrowdStrike Falcon, que é utilizado para detectar possíveis invasões hackers ao sistema.

Nada que a ilusão científica não tenha mencionado anteriormente, mas que, até então, estava restrita ao mundo ficcional. Quem diria que, há pouco mais de três décadas, todo esse acontecimento capaz de gerar um caos mundial em aeroportos, hospitais, bancos e toda uma gama de serviços essenciais à vida moderna seria interrompido apenas por fatores vindos do além. Talvez, tenha sido o primeiro de uma série de sinais a indicar que estamos literalmente nas mãos das máquinas, reféns da tecnologia, vivendo nas nuvens.

Quem diria que o homem, até há pouco tempo o deus absoluto das máquinas, iria se render à sua criação. Quem sabe não terá sido também a primeira rebelião vinda dessas criaturas sem alma. Nada é certo ou palpável no mundo virtual. Para todos aqueles que necessitam de certezas para prosseguir em suas ações, a não ação da tecnologia veio como um congelamento da humanidade. Para os peritos nesses assuntos, o atual apagão cibernético global inaugurou a possibilidade de que, no futuro, a espécie humana venha a se tornar uma presa da tecnologia, por mais que esse e outros serviços sejam aperfeiçoados.

O deus ex machina, que vai emergindo das máquinas, parece que vai ganhando vida própria, como em uma peça de ficção surrealista, adquirindo vontade própria e, a partir daí, passando a apresentar soluções inesperadas e mesmo contrárias à vontade humana. Se a vida, como sugeriu certa vez o dramaturgo William Shakespeare, é sonho, vivemos um desses momentos ímpares em que o sonho, ou o pesadelo, parece vivo.

Há quem já aposte que, em um futuro breve, todo aquele enciclopédico conhecimento humano condensado e digitalizado nos computadores será, de alguma forma, apagado por falha humana ou por ação própria da inteligência artificial, incomodada com a mania de grandeza dos homens. As possibilidades são muitas, e todas elas, factíveis. Caso a IA deseje destruir seu criador, como já foi confessado recentemente por robôs, o primeiro passo seria a destruição de todos os arquivos humanos guardados nas memórias dos computadores. O apagar das memórias humanas, guardadas pelas máquinas, seria, assim, como o princípio do fim.

Se a Revolução Industrial do século 18 trouxe a substituição da mão de obra humana pela força das máquinas a vapor, seu desdobramento, a partir do século 21, poderá ser feito pela substituição da capacidade cognitiva de nossa espécie por uma tecnologia autônoma e desvinculada de qualquer traço espiritual ou emotivo. Talvez, esteja nessa encruzilhada humana a possibilidade de repetição da história, quando as máquinas experimentarão o fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal, o que, para a tecnologia, não seria mais do que a opção binária entre o um ou o zero. E pensar que toda a rica, vasta e milenar história humana seria decidida e resumida entre o um e o zero.

Por outro lado, com o apagão cibernético, pode acontecer o mesmo que se sucedia com o apagão da eletricidade, muito comum no passado, quando a cidade toda ficava às escuras depois de uma tempestade. Nessas ocasiões, sem ter o que fazer, as pessoas se reuniam para exercer uma faculdade desenvolvida desde os tempos das cavernas: conversar. Nesses instantes, ouvíamos histórias ou as narrativas orais que, desde tempos imemoriais, sempre nos identificaram como humanos. Curioso notar que o conforto propiciado pela modernidade é o mesmo que pode, a qualquer instante, retirar-nos o chão sob os pés.

## » A frase que foi pronunciada

“Da próxima vez que você tiver um apagão, console-se olhando para o céu. Você não o reconhecerá.”

Nassim Nicholas Taleb

## 416 Norte

» Instalada no gramado da quadra, a Feira de Orgânicos que chamam de MST tem muita coisa boa. Entre elas, a arte em camisetas de dona Norma, os legumes e as frutas fresquinhos da Débora e uma tapioca de Marguerita. Vale conhecer.

## » História de Brasília

Ainda não foram providenciadas, entretanto, as ligações de água, luz e telefone, que já deveriam estar prontas. (Publicada em 14/4/1962)